

Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa

Mestrado em Som e Imagem



Relatório de Projeto Final

Eu confesso

Cinema e Audiovisual 2016/2017

João Marcos Sousa Rodrigues

Professor Orientador: Prof. Doutor Carlos Ruiz

Julho de 2017

Dedicatória

Dedico, reconhecido, este trabalho:

- ao meu irmão que, com apenas dezoito anos de idade, e apesar de todas as dificuldades inerentes à sua situação, não desistiu de lutar pela sua vida e assumiu corajosamente um caminho para a sua reabilitação e reestruturação;
- à minha família que, incondicional e permanentemente, apoiou o meu percurso até aqui;
- ao grupo em reabilitação visado no documentário que, pelo que partilhou comigo e pelo que me ensinou, jamais poderei esquecer.

Agradecimentos

Agradeço:

- ao Professor Doutor Carlos Ruiz a orientação e toda a disponibilidade no acompanhamento deste projecto;
- à Instituição Desafio Jovem, em especial aos responsáveis pela Comunidade de Cucujães, a forma generosa e despojada como me acolheram no seio da sua casa e possibilitaram aceder a todo o *corpus* de trabalho específico que tornou possível a minha pesquisa sobre a sua história e carácter de intervenção;
- aos amigos e colegas que, de uma forma ou de outra, acompanharam a minha vida académica e a enriqueceram.

Índice

Resumo.....	V
1. Introdução	6
1.1 Estrutura do Relatório	7
1.2. Objetivos e motivações associados à escolha do tema	8
2. Enquadramento teórico	9
2.1. A personalização	9
2.2. O conceito de Comunidade	11
2.3. Comunidades terapêuticas carismáticas: contexto histórico e especificidade.....	12
2.3.1. Como se distinguem as comunidades terapêuticas entre si?	12
2.3.2. A comunidade terapêutica carismática.....	13
2.4. Comunidades terapêuticas carismáticas de toxicodependentes: o caso concreto do Desafio Jovem	14
2.4.1. O fenómeno da toxicodependência e a procura de ajuda	14
2.4.2. Do Teen Challenge (USA) ao Desafio Jovem (Portugal): integração na comunidade terapêutica	17
3. Pré-Produção	25
3.1. Reperage.....	26
3.2. Conclusões da reperage	31
3.3. Equipa	33
3.4. Planificação e organização da produção	34
4. Produção.....	35
4.1. Primeira fase de rodagem.....	36
4.2. Segunda fase de rodagem.....	40
4.3. Pós-Produção.....	45
4.3.1. Opções editoriais	45
4.3.2. Montagem em linha com uma perspectiva holística da Pessoa.....	50
4.3.3. Estratégia.....	50
5. Conclusão.....	57
6. Bibliografia e outras referências	61

Resumo

As comunidades terapêuticas têm, desde a segunda metade do século XX, vindo a desempenhar um papel cada vez mais incontornável ao nível da reabilitação de pessoas cujas vidas, em algum momento, se desviaram do seu curso de saúde natural. Vistas em alguns casos como um complemento de outros tratamentos, e em outros como opção única para a recuperação e reestruturação destas vidas, assumem-se como lugar de encontro e partilha, e seguem os seus próprios modelos terapêuticos e suporte ideológico.

O presente relatório reporta ao projecto final da especialização em Cinema e Audiovisual, no contexto do Curso de Mestrado em Som e Imagem, na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa. Para a realização deste projecto, desenvolvido ao longo de seis meses, decidi abordar o trabalho levado a cabo por uma comunidade terapêutica carismática, colocando o foco na Pessoa em reabilitação. Dessa decisão resultou o documentário intitulado "Eu confesso", realizado na Instituição Desafio Jovem, mais propriamente na comunidade terapêutica de Cucujães.

O texto que se segue aparecerá estruturado de forma a elucidar não só sobre o tema em questão, e os seus contornos, como sobre as dificuldades e exigências específicas que decorreram desta escolha e acabaram por conduzir algumas das minhas opções mais técnicas, obrigando-me, ao mesmo tempo, a reflectir sobre a importância e especificidade de cada papel envolvido na produção cinematográfica, e que aqui, por força das circunstâncias, me vi obrigado a assumir sozinho.

Palavras Chave: Pessoa, *Self*, Comunidade, Comunidades Terapêuticas Carismáticas, Reabilitação, Documentário, drogas , álcool , problemas , reabilitação , fé , Deus.

1. Introdução

O presente relatório reporta ao meu projeto final do Curso de Mestrado em Som e Imagem, com especialização em Cinema e Audiovisual, ministrado na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa. Trata-se de um projeto concretizado ao longo do primeiro semestre de 2017 e que consistiu na realização de um filme documentário, intitulado *Eu confesso*, sobre uma comunidade terapêutica carismática de toxicodependentes - Desafio Jovem, centro de Cucujães - e mais concretamente sobre um conjunto de pessoas que ali integram programas de reabilitação.

Eu confesso é o título deste filme do género documentário, que tem a duração de 25 minutos e está disponível no formato 16:9. O filme reúne vários testemunhos de pessoas que têm em comum o facto de estarem inseridas em programas de reabilitação na comunidade terapêutica Desafio Jovem, onde, de resto, todas as imagens foram produzidas.

São aqui apresentadas na primeira pessoa algumas das histórias de vida (ligadas à toxicodependência, ao álcool, a problemas psíquicos, etc.) por detrás dos rostos que quotidianamente coexistem e cooperam na partilha de tarefas e atividades, e na busca de um sentido espiritual, aqui indissociável da religião evangélica, que lhes é apresentado como o elemento chave para se reabilitarem com sucesso.

Cada uma destas pessoas abre-nos individualmente a porta para um universo pessoal através da resposta a perguntas que fui colocando nas entrevistas. Ao ouvir cada uma delas por vezes dava por mim a chorar e perceber que realmente o ser humano é fraco e sensível ao mais pequeno erro. Somos tentados pelas ofertas viciantes que o mundo nos oferece e na maioria das vezes, nos deixa desamparados e perdidos.

Através das respostas pode perceber-se que a fé em Deus é posta em causa todos os dias, mas, ao mesmo tempo, essa mesma fé é também capaz de ajudar a ultrapassar todas as memórias negativas associadas a um tempo passado demasiado duro.

Torna-se complicado falar sobre um tema onde a escolha do mesmo, surgiu de diversas visitas ao meu irmão. Pessoas que nos são tanto e que tanto nos ensinam mas com problemas diferentes dos nossos. Já iniciada a fase de dissertação e de dados os primeiros passos, tive de abortar essa escolha e dedicar-me à realização deste documentário que fez de mim uma pessoa muito mais culta e consciente.

No seguimento da opção por colocar o foco do meu documentário na Pessoa do utente em reabilitação, foi necessário efetuar uma pesquisa direcionada e recorrer a um enquadramento histórico-científico, por via dos estudos da Psicologia, que contribuísse não só para sustentar a legitimidade e o interesse da minha escolha como para me ajudar a compreendê-la melhor, e a reunir todas as condições imprescindíveis para a apresentação de um produto final que refletisse a minha intenção de simplicidade e honestidade ao nível documental.

1.1 Estrutura do Relatório

Este relatório divide-se em cinco partes. Num momento introdutório apresentarei o projeto, discriminando o conjunto de objetivos e motivações que estiveram na origem da escolha do tema; enquadrando-o no seu género e nos aspetos que daí decorrem e esclarecendo a minha opção no que se refere à equipa de trabalho.

O segundo capítulo, de carácter eminentemente teórico, esclarecerá alguns conceitos necessários à compreensão do contexto real em que este projecto foi desenvolvido. Tratando-se de conceitos há muito estudados, e explorados por diversos autores, no domínio da Psicologia, é do conjunto dos seus contributos, e mais propriamente da síntese obtida por um estudo da autoria de Maria Odete Nunes, que se debruçou muito especificamente sobre a mesma Instituição que ora me serve de mote, que me servirei como principal referência e modelo de orientação.

No terceiro capítulo será apresentada a planificação estratégica desenhada para a prossecução do projecto, desde as opções por determinados recursos técnicos ao tratamento artístico, passando pela definição do método a seguir e pela agenda para o implementar.

O quarto capítulo é dedicado ao historial da produção repercutido nas suas três fases: pré-produção; produção e pós-produção.

Finalmente, no quinto e último capítulo, como conclusão, será retomado o conjunto das reflexões tidas ao longo de todo o processo e analisado o resultado do exercício de criar a minha representação do real com base nos critérios subjacentes à classificação de filme documentário, integrando para isso os conhecimentos adquiridos ao longo do curso.

1.2. Objetivos e motivações associados à escolha do tema

Logo após ter definido que a comunidade terapêutica carismática iria ser o ponto de partida para o meu trabalho e que no centro da minha narrativa, composta por pequenas narrativas que desembocam espacial e temporalmente no ambiente do documentário, iria estar a Pessoa do utente em reabilitação, neste caso as pessoas que integram aquele grupo na comunidade terapêutica selecionada, defini como principal objetivo que o meu filme deveria passar, ainda que subliminarmente, uma mensagem de esperança no tratamento, na entajuda e no espírito de compreensão e solidariedade. Para isso concorreria de forma subjacente a ideia de que todas as decisões, sobretudo as más, ou, dito de outra forma, aquelas susceptíveis de colocarem em risco a vida das pessoas, ou a qualidade da mesma, são a todo o momento reversíveis, desde que haja vontade. Existem na verdade várias portas abertas e inúmeras pessoas comprometidas com o projeto de salvar vidas e ajudar a reestruturá-las, estando disponíveis para acolher de braços abertos até o caso mais aparentemente irremediável. Ao mesmo tempo, também era meu objetivo que a mensagem fosse veiculada por testemunhos vivos e reais, o menos possível "influenciados" ou "condicionados" pela presença externa que, com este objetivo em mente, vi-me na contingência de ter de reduzir ao essencial, como veremos adiante.

Em termos motivacionais considerei não apenas a manifestação consciente de uma preocupação em relação ao tema da droga e da toxicodependência, bem como em relação aos problemas sociais daí decorrentes, como, por outro lado, não fiquei indiferente à possibilidade de olhar para esses temas no contexto de uma perspectiva que vê no aspecto religioso, e particularmente na ideologia protestante, que é a que eu sigo na minha vida quotidiana, a principal força transformadora envolvida no processo de reabilitação.

O encontrar a força numa fé desconhecida e incompreensível por milhões de pessoas é talvez a grande motivação e o maior objetivo do Desafio Jovem. Como referido nos últimos minutos do documentário, pelo director do centro, Francisco, afirma que o proposito do Desafio Jovem existir é precisamente para ajudar pessoas com problemas e com dificuldades em encontrar soluções na vida.

2. Enquadramento teórico

Nota: A base desta bibliografia, nasce do meu contato pessoal com alguns dos autores. Diariamente existia um tempo de leitura e alguns destes textos foram retirados de estudos e leituras que fiz ao longo do tempo de rodagem.

2.1. A personalização

Com a realização deste documentário pretendi essencialmente abordar a Pessoa na sua singularidade, sabendo de antemão que essa mesma singularidade é feita de uma grande diversidade dimensional a ter em conta (cada indivíduo transporta em si dimensões biológicas, sociais, culturais, psicológicas e espirituais), e sabia ainda que ao colocar em evidência cada uma das pessoas que aparecem ao longo do documentário estaria não só a contar um pouco de cada uma das suas histórias individuais, como também a contar a sua história conjunta decorrente de uma coincidência de circunstâncias que contribuiriam para que elas convergissem para a Instituição e para que as possamos entender, enquanto grupo, como uma comunidade.

Com 23 anos feitos, infelizmente passei por alguns problemas relacionados com toxicodépendia e sentia na pele os casos que ouvia. Talvez seja por isso que a minha pesquisa teórica seja baseada muito em livros que eu próprio os li quando necessitei e que agora servem de exemplo e ensino para os utentes do Desafio Jovem. Também a capacidade de percepção no âmbito da psicologia, pois fui seguido por psicólogas durante meses e sem dúvida que considero um elemento principal para a reabilitação.

Maria Odete Nunes (1997) levou a cabo um estudo sobre a Instituição Desafio Jovem com vista a tentar apontar as diferenças na reorganização do *self*¹ entre pessoas toxicodépendentes acompanhadas numa comunidade terapêutica, como a que ambos escolhemos, carismática religiosa, por comparação com outros indivíduos inseridos em

¹ A utilização deste termo refere-se sucintamente à *noção de eu*, ao autoconceito, ou seja, ao conjunto de percepções que o indivíduo reconhece como descritivas de si próprio e como constituintes da sua identidade.

comunidades terapêuticas não carismáticas e não religiosas. Durante o período de tempo em que colaborou com esta Instituição, promovendo uma intervenção ao nível da psicoterapia de grupo e individual, e novamente mais tarde, já no decorrer da investigação que conduziu à apresentação do documento que aqui me serve de principal referência, não só porque também coloca a tónica do estudo na Pessoa como porque se debruça especificamente sobre a Instituição Desafio Jovem, a autora constatou que na estratégia de reabilitação ali seguida é de facto atribuída uma grande importância "à dimensão espiritual consubstanciada por valores de ordem religiosa nos quais acredita[m] assentar o processo de mudança da pessoa com vista à sua recuperação." (Nunes, 1997:1,2)

A questão da identidade tem sido amplamente abordada no âmbito da teoria social e o estudo da Pessoa e dos seus processos mentais é, como sabemos, o principal objecto de estudo da Psicologia. No processo de constituição e desenvolvimento da Pessoa - aquilo que em Psicologia se designa por personalização - esta vem considerando como determinantes três tipos de condições de influência. Desde logo as condições internas (de ordem biológica) do indivíduo, mas também as externas, ou seja, aquelas com as quais ele se depara no seu quotidiano, e ainda, e não menos importantes, as condições para que ele se relacione socialmente ou, dito de outra forma, a qualidade das suas relações, já que segundo C. Caldeira (1979), citado por Nunes, "[é] a sociedade e a relação com o outro que condicionam a consciência de si como pessoa". (Nunes, 1997:31).

De um ponto de vista antropológico, Camilleri, também ele citado por Nunes (1997), defende que é durante o processo de relacionamento social que cada indivíduo, ao apropriar-se, ainda que inconscientemente, da cultura do grupo em que se insere, trabalha a sua própria personalidade e a forma como se inscreverá no mundo e lidará com ele.

No seu estudo, M. O. Nunes (1997) opta por centrar a atenção em dois autores que abordam este processo de personalização a partir de duas perspectivas distintas aqui úteis para sintetizar o universo referencial associado à abordagem centrada na Pessoa, que é a que mais me interessa neste projecto. Por um lado, Pierre Tap, que defende que cada indivíduo tem uma participação activa na construção da sua personalidade logo desde a infância, contando com um sistema de modelos de identificação nos seus grupos de referência que lhe possibilitam, por comparação e imitação, nomeadamente, confrontar factores internos e externos e questionar o

que faz de si próprio. Por outro lado, Carl Rogers, conhecido pelo seu contributo para a consolidação da Psicologia Humanista e do conceito de *self* com base na sua actividade académica e clínica tão vinculadas à psicoterapia e aos aspectos do funcionamento da personalidade, passando pelas dinâmicas dos relacionamentos interpessoais. Este último apresenta uma visão mais fenomenológica do que biopsicossociológica, que é a que está mais presente no primeiro, entendendo que cada indivíduo possui uma forma própria de vivenciar não só a experiência pessoal como também a subjectividade, o que faz com que se possa entender a mudança como um produto da auto-determinação da pessoa no sentido da actualização das suas potencialidades. Rogers chama a esse movimento *tendência actualizante*.²

2.2. O conceito de Comunidade

Apesar do conceito comunidade, viver nela não é assim tão simples e bonito como parece. Muitos deles viveram anos em prisões onde olhar para os lados era feito de segundo a segundo com medo de algo acontecer. Daí retiramos logo a dificuldade em terem confiança com o mais próximo e em criarem ligações afetivas fortes. Como sintetiza a tese de M. O. Nunes (1997), desenvolvida no âmbito do Mestrado de Psicopatologia e Psicologia Clínica, e após uma análise mais exaustiva da obra de vários autores que se dedicaram a tratar estes temas, o conceito de comunidade, abordado com uma maior ou menor descrição de variantes, dependendo do autor em foco, acaba por abarcar invariavelmente duas características essenciais: a coexistência de indivíduos num mesmo espaço geográfico e a interacção social entre eles. A perspectiva sociológica compete para completar esta ideia ao afirmar, nomeadamente através das obras de autores como H. H. Ficht, Max Weber e G. Gurvitch, como referidos por Nunes (1997:8,9), que o que define uma comunidade não é apenas o espaço geográfico e a interacção social mas também o sentimento de pertença e a construção de uma

² Segundo o autor, e em linhas gerais, todo o organismo possui uma inerente tendência para desenvolver as suas potencialidades de forma a promover continuamente a superação do seu estado actual. Não obstante, essa tendência natural não está imune à influência positiva ou negativa dos relacionamentos interpessoais.

identidade comum fundada em circunstâncias comuns e metas/objectivos comuns. Esta visão está manifestamente mais próxima da prática da Instituição Desafio Jovem, como adiante explicarei melhor.

2.3. Comunidades terapêuticas carismáticas: contexto histórico e especificidade

Cresci num lar evangélico e desde pequeno que ouvia falar do Desafio Jovem, sem nunca pensar que poderia alguma vez relacionar-me de uma forma tão direta e especial com eles. Infelizmente quando se fala em Deus muitos são os que fogem e automaticamente apartam-se, inclusive o próprio estado Portugues.

A ideia de comunidade terapêutica ganhou expressão na década de 70 em países como a França e Inglaterra, no âmbito dos tratamentos ao nível da saúde mental, designadamente relacionados com os problemas originados pela segunda guerra mundial, e foi-se desenvolvendo e propagando até aos dias de hoje em que se assume como uma prática comum largamente disseminada. Segundo Nunes, "[o] autor do movimento (Maxwell Jones) propõe como factor potencialmente terapêutico o ajustamento relacional e o auto-conhecimento que são desenvolvidos na relação interpessoal com os técnicos e outros pacientes no decorrer da vida em comunidade." (Nunes, 1997:11). De uma forma sucinta é isto que se entende, ainda hoje, por comunidade terapêutica.

2.3.1. Como se distinguem as comunidades terapêuticas entre si?

As comunidades terapêuticas distinguem-se entre si por meio de um conjunto de características específicas decorrentes de opções no que toca ao seu modelo de intervenção terapêutica e à ideologia (ou suporte ideológico) por detrás do mesmo.

Talvez possa falar do meu irmão e usar o exemplo dele como referência. Com apenas 18 anos, conseguiu perceber que a vida não são dois dias e que é hoje que fazemos o amanhã.

Cada utente do Desafio Jovem tem a liberdade de decidir quando entra e quando sai, a partir daí podemos confirmar a maior diferença entre as comunidades terapêuticas.

A entrada numa determinada comunidade terapêutica pressupõe que o candidato a utente esteja disposto a aderir aos ideias, valores e regras da comunidade no projecto de reformulação da sua própria forma de vida. Ao longo desse processo espera-se que a sua auto-percepção vá sofrendo alterações em relação ao ponto/momento inicial (aquando da entrada), ou seja, está subjacente um trabalho individual/pessoal que acabará por traduzir-se numa reorganização do *self*.



Entrada principal do Desafio Jovem

2.3.2. A comunidade terapêutica carismática

O conceito de carisma que Max Weber tentou estender ao campo da sociologia está originalmente ligado à teologia e refere-se à perspectiva de ordem religiosa segundo a qual "é possível uma união com Deus, concretizada por uma descida do Espírito Santo sobre a pessoa".

(Nunes, 1997:25). Essa graça/dádiva transforma a pessoa como que apontando uma vocação e/ou missão especial consagrada à igreja e isso confere-lhe um certo poder em relação aos não crentes. Os denominados movimentos carismáticos têm tido um crescimento considerável, quer pela via católica, quer pela via protestante, sendo que muitas das comunidades terapêuticas carismáticas actualmente existentes bebem inspiração na ideologia desses movimentos, geralmente ligados aos grandes temas das problemáticas sociais: álcool, drogas, minorias étnicas, criminalidade, etc. A adesão a estas comunidades terapêuticas e/ou, se quisermos, o próprio programa de reabilitação, estão assim indissociáveis da conversão aos valores instituídos pela prática religiosa que ali tem lugar.



2.4. Comunidades terapêuticas carismáticas de toxicodependentes: o caso concreto do Desafio Jovem

2.4.1. O fenómeno da toxicodependência e a procura de ajuda

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2017), a toxicodependência "refere-se ao uso nocivo ou perigoso de substâncias psicoativas, incluindo álcool e drogas ilícitas. O uso de substâncias psicoativas pode levar à síndrome de dependência - um conjunto de

fenómenos comportamentais, cognitivos e fisiológicos que se desenvolvem após o uso repetido de substâncias e que tipicamente incluem um forte desejo de consumo, dificuldades no controlo do uso, uma priorização do uso de drogas em relação a outras actividades e obrigações, tolerância aumentada e, às vezes, um estado de abstinência física."

Recuando no tempo verifica-se que o recurso a substâncias que alteram o estado de consciência não é de agora e tem sido recorrente ao longo da História, independentemente da época ou cultura em questão, um pouco por todo o mundo. Em alguns casos esse uso pode ser feito/entendido com uma finalidade "farmacológica", e noutros é mesmo instrumentalizado e/ou ritualizado e transmitido às gerações seguintes como expressão de um determinado simbolismo (p.ex.: rituais mágicos de iniciação).

Actualmente, o uso destas substâncias está de tal forma disseminado e facilitado que as consequências que desse uso advêm têm tido um efeito nefasto, não só sobre quem sofre da adicção, como sobre toda a estrutura familiar e social em que essa pessoa se insere.

Nunes (1997) admite que a análise do fenómeno da toxicodependência é bastante extensa e completa e explica que as razões apontadas para a iniciação no consumo de droga, e mais frequentemente elencadas pelos seus pacientes durante as sessões de acompanhamento psicoterapêutico e nas entrevistas de avaliação psicológica, decorrem em alguns casos de uma escolha consciente e noutros de uma situação inadvertida. Assim, conclui que "não existe linearidade na motivação e na causalidade que leva as pessoas a consumir" (Nunes, 1997:65). Por esse motivo, defende a adopção de uma "perspectiva holística da pessoa considerando-a na complexidade do seu todo singular e, ao mesmo tempo, acreditando na sua capacidade de auto-organização." (Nunes, 1997:66)

Ao tentar integrar uma comunidade terapêutica carismática de toxicodependentes, o candidato ao programa de reabilitação estará já a dar sinal dessa vontade de se reorganizar, consciencializando o problema e pedindo ajuda na busca do reencontro de um certo equilíbrio com o mundo e com a sua própria vida.

A comunidade terapêutica assume-se como uma resposta para este problema que representa para quem a vem a integrar, como descreve M. O. Nunes, todos os seguintes aspectos estruturantes da qualidade relacional:

- "- adaptação a um novo contexto geográfico e social;
- reestruturação dos hábitos, nomeadamente uma sistematização na forma de distribuir e ocupar o tempo;
- descoberta de novos centros de interesse, proporcionada na interacção da vida em comunidade;
- cumprimento de regras e confrontação com limites quer externos quer internos;
- desenvolvimento de estratégias diferentes na forma como lidar com o stress, com situações frustrantes e angustiantes;
- aceitação da autoridade, não no sentido da resignação mas como algo estruturante e maturativo;
- integração gradual de novos valores: os da comunidade ou eventualmente uma descoberta dos seus próprios como pessoa;
- auto-descoberta pela actualização de potencialidades." (Nunes, 1997:19)



2.4.2. Do Teen Challenge (USA) ao Desafio Jovem (Portugal): integração na comunidade terapêutica



À semelhança do que aconteceu com outros movimentos, no contexto da proliferação das comunidades terapêuticas, o original Teen Challenge propagou-se à Europa desde a América, dando lugar, no caso português, ao Desafio Jovem. A criação da primeira comunidade terapêutica do Desafio Jovem, instalada em Lisboa, remonta a 1978, e resultou de um esforço conjunto do Pastor Lucas da Silva e do movimento das Assembleias de Deus de Portugal, em colaboração com a Cruz Vermelha Portuguesa.

O modelo metodológico seguido pelo Teen Challenge Internacional assenta numa leitura bio-psico-socio-espiritual da Pessoa, considerando assim os factores biológicos, psicológicos, sociais e espirituais de cada indivíduo. Em linhas gerais, o método seguido pelas comunidades terapêuticas do Teen Challenge visa promover, segundo a própria Instituição, a desintoxicação por meio da abstinência - cada utente, ainda durante a preparação para a entrada na comunidade terapêutica, é encorajado a interromper/abandonar o consumo das substâncias que estão na origem do seu problema (p.ex.: tabaco e álcool, que aliás são proibidos durante o internamento), e, por outro lado, visa também integrar o indivíduo numa rotina diária conducente à estabilização necessária a uma reestruturação interna e a uma vida futura melhor equilibrada e socialmente integrada. Pretende-se que cada indivíduo desenvolva um

relacionamento mais adequado consigo próprio (valorização pessoal, aquisição de competências e responsabilização enquanto cidadão), com os outros (família, amigos, colegas de trabalho, etc.), e com Deus. Nas palavras de Reg Yake, que foi director executivo do Teen Challenge Training Center entre os anos de 1973 e 1987, tal como citado por Batty & Campbell, "A sense of humility and larger perspective would settle over the men during the course of their stay." (Batty & Campbell, 2008:28)

No caso português houve também, desde a fundação, uma preocupação manifesta do Desafio Jovem em ir alargando o leque da sua actuação, de forma a poder integrar nos seus programas de reabilitação mais pessoas, independentemente do seu historial de dependência/adicção estar mais relacionado com um ou outro tipo de substância. A Instituição assume como sua missão adaptar-se às novas realidades sem perder nem comprometer a base identitária atrás descrita (Teen Challenge). A ideia de que "[h]oje, o Desafio Jovem pensa de outra maneira, tem ideias próprias, pensa em função das mudanças operadas na sociedade, pensa em novos desafios, enfrenta novas dificuldades, são-lhe exigidos outros requisitos para debelar problemas ainda mais profundos" (Martins, 2003:11) foi nestes termos assinalada por J. S. Lucas da Silva aquando do 25º aniversário do Desafio Jovem.



Imagem aérea do centro Desafio Jovem Cucujães

A actuação do Desafio Jovem não passa apenas pelos programas de reabilitação. Na realidade ela integra projectos de prevenção e apoio na inserção. O modelo terapêutico seguido nas comunidades terapêuticas do Desafio Jovem pretende, segundo a literatura distribuída pela própria Instituição, "apresentar alternativas de vida, já provadas e confirmadas, que permitem viver e não sobreviver na sociedade atual." (DJ, 2017). Todas essas alternativas estão imbuídas da espiritualidade que se pretende que seja desenvolvida.

A comunidade terapêutica carismática aqui em análise é uma unidade cultural com um padrão cultural próprio, ligado a essa espiritualidade, e em que não se sustenta a base terapêutica nas potencialidades da pessoa, mas antes na qualidade da relação que ela estabelece com Deus. Trata-se obviamente de uma ideologia, como vimos, clara e assumidamente religiosa, que integra os valores carismáticos por meio de um sistema de modelação por identificação com o Transcendente e em que se espera que "a pessoa encontre um sentido para a vida estruturante e maturativo através de um movimento de inversão do investimento em si, em função de um outro ideal (Deus)." (Nunes, 1997:148)



Culto familiar mensal, onde os familiares visitam os utentes.

Ao longo da sua história o Teen Challenge e o Desafio Jovem têm assumido e divulgado os valores cristãos como a principal garantia do sucesso na vida dos utentes. "No caso específico da pessoa toxicod dependente, dominada por um certo vazio e por sentimentos de autodesvalorização, o desejo de identificação com o Transcendente pode ser um factor de reorganização pessoal que lhe dá sentido à vida." (Nunes, 1997:155)

A bibliografia sobre esta matéria, publicada ou apoiada pela Instituição, é bastante extensa e encontra-se distribuída por todo o globo.

Os programas terapêuticos destinam-se sobretudo a dependentes de droga e/ou de álcool, sendo devidamente ajustados a cada caso, bem como a duração desses programas que, na generalidade, não deverá ultrapassar um ano. Há ainda a possibilidade de, durante esse processo, o utente obter outros apoios complementares, por exemplo ligados à necessidade de cessação tabágica ou ao "tratamento com agonista opiáceo" (segundo divulga a própria Instituição através dos meios de informação próprios). Mas a acção do Desafio Jovem vai também além das portas dos seus centros, através da intervenção junto de escolas, bairros mais desfavorecidos, hospitais e prisões. Sejam quais forem as circunstâncias, mantém-se a

abordagem carismática religiosa como base para todo e qualquer diálogo.

Sintetizando agora as regras de admissão a estas comunidades terapêuticas, verifica-se que o processo de entrada no Desafio Jovem é efectuado de forma gradual e pode levar entre três a seis meses, em média. Não existem internamentos sem este processo prévio de admissão. Durante esse período o candidato é convidado a participar em algumas actividades com vista a inteirar-se da cultura praticada na Instituição e das regras associadas a uma integração bem sucedida. Será na posse dessa informação que este construirá a decisão, no exercício da sua liberdade, sobre se aquela comunidade representa ou não a melhor solução para o seu caso, e se deseja comprometer-se a integrar aquela ideologia no seu projecto existencial de futuro. Ao mesmo tempo, a Instituição avalia a necessidade e a motivação do candidato a utente e apresenta-lhe as respostas terapêuticas de que dispõe que melhor se adequam à sua situação. Se houver necessidade de recorrer a um financiamento do estado para o internamento, há ainda a cumprir mais essa formalidade, de acordo e em conformidade com os procedimentos estipulados na lei para o efeito.

O Desafio Jovem dispõe de uma rede de Cafés-Convívio ou Pontos de Contacto que se constituem como lugares preferenciais e privilegiados para um primeiro contacto do candidato a utente com a Instituição, mas é também possível recorrer a uma linha de apoio informativa sempre disponível.

Já no contexto de internamento, a parte mais visível, para alguém que como eu vem de fora, da vida nas comunidades terapêuticas do Desafio Jovem, e neste caso mais especificamente da vida na comunidade de Cucujães, está intimamente relacionada com a construção de um sentimento de pertença por meio da partilha diária de actividades (funções/tarefas/culto), que promovem a interacção e o estabelecimento de laços/relações, e foi precisamente essa parte que, por força da minha opção de colocar o foco na Pessoa, acabei por privilegiar no documentário.



O sentimento de unidade no Desafio Jovem, como em outras comunidades do mesmo género, apoia-se na co-participação e na partilha de funções/tarefas tidas como constituintes da vida comunitária e integradoras na mesma, ajudando cada um dos utentes a sentir-se como parte útil de um todo e tendo, ao mesmo tempo, sobre estes um efeito de reajustamento e auto-conhecimento. Assim, a participação nas tarefas do dia-a-dia é activa e construtiva e consiste, por exemplo, no tratamento e alimentação dos animais, limpeza e manutenção dos espaços interiores e exteriores, preparação de refeições, cuidado da roupa, ida ao mercado, entre outros.

O meu projecto mostra isto, como atestam algumas das imagens seguintes, em que podemos perceber como as pessoas que integram o grupo que escolhi vivem o seu tempo na comunidade e em comunidade, interagindo, repartindo acções.

Grande parte das atividades focam-se em estabelecer uma relação direta com a natureza. Esta relação tem uma função terapeutica, seguem-se algumas das atividades que os utentes realizam diariamente :



Imagem 2 - Cenas de *Eu confesso*. Actividade quotidiana: alimentação dos animais



Imagem 3 - Cenas de *Eu confesso*. Actividade quotidiana: manutenção do celeiro



Imagem 4 - Cenas de *Eu confesso*. Actividade quotidiana: cuidado da roupa



Imagem 5 - Cenas de *Eu confesso*. Actividade quotidiana: outros trabalhos no exterior

O culto e a oração ocupam no meio desta rotina uma posição muito relevante, já que a

meta para alcançar a ligação desejável com o Transcendente, implica um caminho de reflexão e recolhimento, mas também de partilha de informação, não apenas por meio das leituras sagradas, como também pelo contacto com o testemunho dos que conseguiram o sucesso nas suas vidas através destes valores. Este lado do culto e da oração está também visível/identificado no meu trabalho.



Tim Culbreth, director executivo do Teen Challenge Arkansas e voluntário em Brooklyn, resumiu esta ideia da seguinte forma: "Teen Challenge is where the theological and spiritual meet the practical and routine, and then... the miraculous happens! You see this when all the components of the program come together - devotions, chapels, Bible classes, prayer, work, and personal responsibilities - to achieve the outcome of a changed life." (Batty & Campbell, 2008:39)

Este movimento entre os momentos de reflexão (meditação) e partilha (socialização) é constante e notório, e também por isso procurei mostrá-lo fazendo a divisão entre as entrevistas, a rotina de actividades e o culto.

A hora das refeições representa outro momento que pode ser aproveitado para o ajustamento relacional e há ainda espaço para actividades de lazer:



Imagem 6 - Cenas de *Eu confesso*. Momentos de pausa dedicados às refeições e a actividades de lazer

O entendimento de que a relação interpessoal pode ter um efeito potencialmente terapêutico não constrange o diálogo entre as pessoas internadas, muito pelo contrário, promove-o, facilitando assim, como se acredita, não só o tal ajustamento relacional como o auto-conhecimento e actualização.

Este tipo de atividades desenvolvem aspetos que se perderam ao longo dos tempos. A necessidade de partilha e de convívio diário, são elementos principais para o aumento da auto estima e iniciativa própria.

Na obra *Eles venceram: histórias reais de ex-toxicod dependentes*, Leonídio Ascensão deixou, a este propósito, o seguinte testemunho: "[d]e facto, o Desafio Jovem é um trabalho que está alicerçado em relacionamentos muito mais que em estratégias, quer sejam técnicas ou religiosas. É o amor ao próximo, não em teoria, mas na prática, como Jesus ensinou! É, muitas das vezes, pormos os interesses dos outros à frente dos nossos, percebermos que Deus tem sempre mais para dar do que nós para perder." (Martins, 2003:48)

3. Pré-Produção

A metodologia que apliquei à realização deste documentário acabou por como que desenhar-se a si própria, de forma bastante natural e intuitiva, no decorrer do meu crescente envolvimento com o tema que, na verdade, encontrei desavisadamente. Apesar de aquando do meu primeiro contacto com a Instituição eu ter estado lá apenas na qualidade de uma visita ao meu irmão em reabilitação, a ligação com as pessoas foi de tal forma imediata que rapidamente percebi que gostaria de contar aquela(s) história(s) e que a Pessoa, cada uma daquelas pessoas, mais do que a Instituição propriamente dita, seriam o foco da minha atenção e do meu trabalho.

3.1. Reperage

A fase de reperage foi onde conheci a maior parte dos utentes e onde criei uma ligação forte com elas. O facto de ser irmão de um utente que estava lá inserido, facilitou o acesso e a proximidade com eles. Sentia que o meu irmão, era um elo de ligação e que depositavam muita confiança em mim por isso. Ao mesmo tempo era complicado distanciar o lado carnal e os laços familiares, quando tentava retirar alguma informação dele.

Foram diversas as situações que reporte durante as minhas idas ao centro, desde as atividades, locais, autorizações de cedência de imagem, conversas com os utentes, entre outras.

Um dos principais objetivos da reperage, foi realizar um levantamento dos espaços e das suas atividades e funcionamento. Durante a reperage reuni com os responsáveis do centro para estabelecer todo o tipo de autorizações e logísticas de rodagem.

As atividades desenvolvidas neste centro têm dois objetivos principais:

Um objetivo com o carácter mais funcional e prático, que visa satisfazer a manutenção e o bom funcionamento do centro. O segundo objetivo tem um carácter terapêutico, que desenvolve as capacidades pessoais, de comunicação, emocionais e psicológicas.

Na minha reperage, identifiquei as seguintes atividades:

- . Tratamentos dos animais
- . Lavandaria
- . Limpezas
- . Cozinha
- . Mercado abastecedor
- . Cultos
- . Tempo de leitura



Local onde tratavam diariamente dos animais. Animais esses, que serviam de sustento para o centro, quando eram vendidos ou então para consumo interno.



Cada utente nas respetivas casas de banho, tinha uma caixa para colocar roupa suja e sempre que necessário, lavavam na lavandaria.



Sempre com a chefe de cozinha presente, mas com cerca de 5 pessoas a ajudar, a zona da cozinha era onde os utentes gostavam mais de estar. Alimentar cerca de 19 pessoas, duas

vezes ao dia é uma tarefa muito complicada e nem todos tinham essa capacidade de organização.



Mercado Abastecedor do Porto. Todas as quartas feiras um grupo de 4 utentes ia ao mercado recolher alimentos para os animais e muitas vezes para o próprio centro. Nem todos poderiam ir, pois estavam realmente em contacto com o mundo exterior, onde os vícios falam mais alto e as tentações também. No final do dia, muitos são os alimentos que os comerciantes não vendem e em vez de serem colocados no lixo, a instituição Desafio Jovem decide aproveitar esses bocadinhos que na verdade enchem um camião de mantimentos para a semana.



Capela, lugar de meditação e estudos pessoais onde individualmente cada utente orava e tinha a sua comunhão com Deus. A primeira atividade diária era a oração matinal e o tempo de leitura. Depois, seguia-se o momento onde cantavam e adoravam com cânticos religiosos e partilhavam entre si a mensagem escrita na bíblia.



Um outro objetivo da *reperage*, foi estabelecer contacto com os funcionários e utentes inseridos no centro e assim identificar as potenciais personagens para a rodagem do documentário. Desta maneira o intuito foi estabelecer conversas informais com os utentes para perceber quais os motivos que os levaram a recorrer ao Desafio Jovem.

Deste primeiro encontro surgiram histórias que me sensibilizaram e motivaram para a realização de rodagens.

3.2. Conclusões da *reperage*

Devido à sensibilidade do tema, ao facto de ter de lidar com pessoas que, de alguma forma, se encontravam fragilizadas, mas também devido às circunstâncias normais inerentes ao dia-a-dia de uma Instituição deste tipo, pareceu-me claro que a minha presença teria de manter-se tão comedida quanto possível e gerida de forma a não interferir nos ritmos normais diários, nomeadamente ao nível das actividades que integram o quotidiano dos utentes. Perante a dificuldade de ter uma equipa técnica comigo decidi criar uma estratégia de "one man show" e fazer captação de imagem e vídeo em simultâneo.

Entre a decisão de filmar e o início das filmagens decorreu algum tempo, que considerei de habituação e experiência para eles e para mim. Durante esse período eu imergi na realidade das práticas da Instituição, fazendo exactamente as mesmas tarefas que qualquer outra pessoa, ali em plano de recuperação, para conseguir criar a intimidade, a empatia e a confiança necessárias ao processo mais natural e fluído que eu desejava e que foi o que acabei por conseguir e verificar findo esse processo, com o início das filmagens.

Esta estratégia que acabei por ter de adoptar não deixou de me levantar alguns problemas técnicos, nomeadamente ao nível da captação de som. No entanto, e tendo em conta a situação em questão, foi a estratégia possível e a que me pareceu mais adequada.

Chegados a este ponto compreendemos já, através da exposição anterior, que a minha ideia inicial passava sobretudo pela realização de um documentário centrado na Instituição Desafio Jovem, e que essa ideia viria a converter-se num outro projecto quando me apercebi de que o tema que me interessava realmente era a Pessoa, mais especificamente ainda, a Pessoa do utente

em reabilitação. Não pude ficar indiferente à forma como as coisas foram acontecendo e como se foi tornando claro para mim que "a história que o meu documentário queria contar" era afinal diferente da que eu tinha inicialmente previsto, e viria a ter um carácter mais humano e social do que histórico e/ou institucional.

Também já referi atrás que a produção teve de adequar-se às condições decorrentes do facto de se pretender filmar numa Instituição com regras específicas e tendo como objecto de trabalho essencial um grupo de pessoas ali integradas e com rotinas diárias próprias que, tanto quanto possível, não deveriam ser interrompidas nem importunadas.

Bem avaliadas as condições existentes e os objectivos do projecto acabei então por acumular as funções de produção, realização, direcção de fotografia, som e edição, numa estratégia do tipo "one man show", e fazer captação de imagem e vídeo em simultâneo.

Mantive, ao longo de todo processo de que a seguir darei conta, a intenção de obter um produto final simples e honesto ao nível do tratamento da informação, procurando uma linguagem visual limpa e sem efeitos, com transições fluídas e o mais naturais possível. Apesar de esta ser a minha representação do real, e levar por isso o meu olhar, e a sua subjectividade inevitável, procurei em todas as etapas deixar espaço ao entendimento de que todos estamos expostos a situações de extrema fragilidade. Alguns de nós sucumbem mais facilmente, outros conseguem resistir melhor, mas entre o que existe de mais duro e de mais delicado, a condição humana permite muitas vezes a descoberta de forças interiores incrivelmente inspiradoras e transformadoras, e eu procurei isso com a câmara.



Como podem ver na imagem o Desafio Jovem de Cucujães é rodeado de natureza onde a serenidade é abundante. Com isso percebi que todo o documentário seria composto por bastantes elementos naturais.

3.3. Equipa

A constituição de uma equipa de projecto foi inviabilizada ainda numa fase inicial. Desde logo porque o acesso a qualquer centro de reabilitação é interdito a pessoas do exterior e esta regra só é levantada em condições muito especiais e pontuais. Ora, para poder levar a cabo as rodagens de acordo com o plano que estabeleci, e de que mais adiante neste relatório darei conta, a presença de uma equipa não se traduziria numa presença pontual e, por outro lado, seria muito mais difícil não só não perturbar o ambiente normal do centro em funcionamento como não "influenciar", "condicionar" ou "contaminar", mesmo que inadvertidamente, os testemunhos que eu desejava recolher.

Em suma, apesar de estar consciente de que a não existência de uma equipa técnica me iria sobrecarregar e de que, eventualmente, alguns aspectos do produto final que eu iria conseguir obter sozinho poderiam sair prejudicados por isso, preferi assumir o risco e seguir

em frente no cumprimento do método que me pareceu ser o mais adequado aos meus objectivos para esta produção e também o mais consonante com as regras do centro onde pretendia filmar.

3.4. Planificação e organização da produção

Imediatamente após ter definido o tema a abordar no meu projecto, e em linha com o ritmo de aproximação ao tema atrás descrito, organizei as etapas necessárias à realização do documentário da seguinte forma:

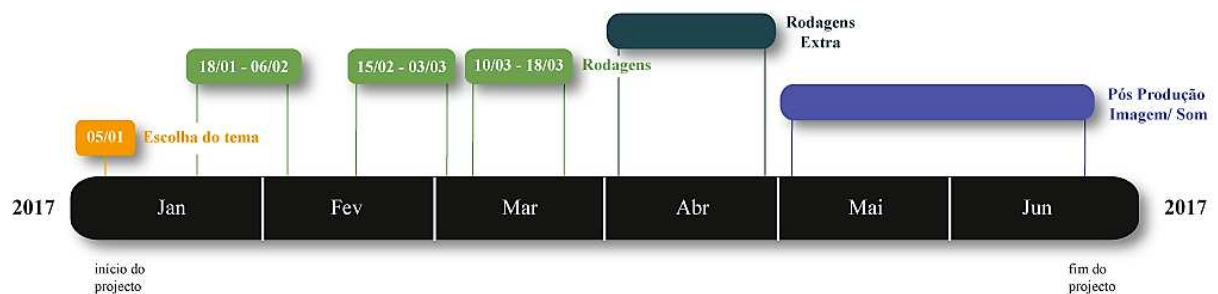


Figura 1 - Cronograma do projecto

Como pode inferir-se da leitura deste cronograma, num primeiro momento dividi as rodagens em 3 ciclos compreendidos entre os dias 18 de Janeiro e 18 de Março, sendo que o primeiro ciclo decorreu entre 18 de Janeiro e 6 de Fevereiro (20 dias), o segundo ciclo entre 15 de Fevereiro e 3 de Março (17 dias), e o terceiro ciclo entre 10 e 18 de Março (9 dias).

Dediquei o mês de Abril a rodagens extra, e os meses de Maio e Junho à pós-produção.

Depois de várias visitas ao centro, reuni com o orientador do projeto e analisámos os fotogramas até encontrar um possível rumo para o documentário. Posto isso, e tendo já dividido as datas todas, segui para o centro e dei início às filmagens.

4. Produção

A produção aparece dividida em duas fases de rodagem. A primeira, ainda numa fase de habituação e de experiência, filmei as atividades todas e os locais e já na segunda fase, dediquei-me principalmente à realização de entrevistas.

4.1. Primeira fase de rodagem

Nesta primeira fase de rodagem os objetivos principais consistiram em primeiro lugar em obter imagens da envolvência do espaço. Em segundo produzir imagens da rotina diária doas utentes. Terceiro, documentar as atividades em comunidade, onde o centro e os utentes formam um só grupo. Por último, realizei entrevistas aos utentes durante as atividades.

As atividades em conjunto e individuais, constituem o grande o corpo e o principal foco, desta primeira fase de rodagem.





Os espaços naturais envolventes, têm um papel muito importante na recuperação dos utentes. Espaços de trabalho mas também de meditação onde convivem e dispõem do tempo de lazer. Por este motivo, os elementos da natureza tem um duplo objetivo. Um deles é criar um espaço para o desenvolvimento interpessoal. Outro é proporcionar as condições necessárias para desenvolver uma atividade terapêutica através do trabalho.



A meditação e a busca por uma fé divina era uma das atividades diárias de cada um, onde muitas vezes era feita individualmente mas também como neste caso, em grupo. Agradecer a Deus pelo dia de trabalho, alimentos, força e saúde tornou-se uma necessidade.



Vemos na imagem a cima um convívio entre os utentes onde conseguimos perceber que existe talvez uma boa relação, mas por vezes isso não se refletia no dia a dia. A grande maioria afirmava que viver em comunidade não é fácil, mas que tinham de fazer o esforço para cumprir o programa que os ajudava a inserir-se na sociedade novamente.

É um processo de habituação e de crescimento espiritual que apenas os mais fortes resistem. Metade das pessoas que iniciam o programa, não conseguem terminar o prazo mínimo de um ano e desistem a meio. O maior problema disso é que voltam a viver nas ruas e quase de certeza que cometem os mesmos erros.

Houve, naturalmente, uma preocupação em evitar erros no processo de articulação de toda as funções que tive de assumir, e a direcção de fotografia, por exemplo, não foi excepção. Optei por gravar em horas do dia que me permitiram usufruir de condições de luz natural como um recurso precioso para o tipo de imagem que eu pretendia obter.

Reuniões semanais com o meu orientador de projeto, professor Carlos Ruiz, onde

mostrava fotogramas dos espaços, pessoas, animais e começávamos assim a criar ambos uma empatia com este tema e projeto.

Neste fotograma que se segue, os utentes estavam a realizar as suas atividades diárias e ao mesmo tempo eu ia questionando e tentava que falassem sobre a sua história de vida. O problema surgiu quando mais uma vez, depois de reunir com o orientador, vimos que a maneira que eu tinha filmado não era a mais adequada. Planos em movimento e por vezes com movimentos bastante rápidos, prejudicavam a compreensão da história de cada um deles e decidi não colocar no documentário.



Um dos exemplos de plano que não usei, devido a ter movimentos bruscos.

A solução tomada em conjunto com o orientador, foi o uso de tripe e tentar enquadrar ao máximo a personagem com o espaço. Foi complicado, pois a minha maneira de filmar é handycam e até me habituar foi um processo um pouco longo.

Também a dificuldade de discursar dos utentes, foi um dos motivos para não usar esses momentos. Tornava-se impossível conseguir resumir algum momento com principio, meio e fim, onde no final fosse tudo coerente.

4.2. Segunda fase de rodagem

O principal objetivo desta fase, foi obter depoimentos de forma consisa e coerente para construir a narrativa do documentário,

A escolha das entrevistas surgiu na dificuldade explicada em cima, onde a dificuldade dos utentes criarem um discurso era notável. Com o mesmo tipo de fundos e luminosidade, tentei dar a conhecer as vidas dos utentes de uma forma bem clara e direta. Essa escolha, uniformizou a importância de cada utente.

A pré-produção do meu trabalho não chegou a envolver a escrita de um guião ainda na fase em que pensava fazer um documentário institucional, e quando percebi que as pessoas eram o assunto com o qual me identificava mais, e que iria antes optar por focar-me na vida de um pequeno conjunto de utentes (as minhas personagens reais), estabeleci que as perguntas teriam de ser curtas e ao mesmo tempo claras. Na maior parte das vezes como as perguntas eram tão diretas e pessoais, os utentes ficavam sem resposta e via-se muito confusão nas suas caras.

O principal objetivo das entrevistas, consiste em avaliar o nível de auto-estima dos utentes, origem dos seus problemas, percursos traumáticos das suas vidas e as suas perspetivas futuras. Em geral, o conjunto das entrevistas, obteve poucas respostas e conteúdos, visto que os utentes tinham dificuldade no desenvolvimento das respostas.

Foi um processo extremamente complicado e difícil para obter os conteúdos necessários para a construção da narrative.



Por vezes tornava-se complicado dar seguimento às entrevistas da forma que eu queria. Devemos compreender que cada vida tem uma história para contar e neste fotograma vemos a cara de Jaime onde por muitas vezes parava de falar para pensar no que dizer devido aos traumas. Jaime foi escravo 15 anos dentro de um camião e muitas vezes torturado. Esta imagem

exemplifica bem uma frase que ele diz no documentário: “*Às vezes mais valia morrer, assim não chateava ninguém...*” ’



Mais um exemplo onde questionei diretamente a Marco se tinha de pedir desculpa a alguém e automaticamente o silêncio tornou-se presente durante muitos segundos.

Como podemos ver pelos fotogramas anteriores, o espaço é sempre interior e não é uma razão estética, porque sem dúvida que ao ar livre, tanto a nível de luminosidade e de significado seria melhor, mas todos os utentes preferiam estar isolados dos outros. Contar toda a sua vida não é propriamente fácil quando se tratam de momentos de fragilidade, vícios e problemas e era assim que eles se sentiam mais confortáveis.

Muitos deles foram resgatados das ruas e das prisões, onde é impossível dar confiança ao a alguém e isso refletiu-se na escolha dos locais e nas ações de cada um no próprio dia a dia.

Todos sabiam que eu estava ali para desenvolver um trabalho académico e aos poucos foram mostrando-se cooperantes. Percebi então que dispunha de um conjunto de histórias tão ricas quanto difíceis para contar e que as minhas personagens eram realmente fortes e mostravam-se disponíveis para integrarem o documentário partilhando um pouco dos seus

percursos até ali.

Assim, em termos de captação de imagem, para a captação das cenas relativas às actividades diárias usei a Sony A7Sii. O facto de ser uma máquina bastante pequena, onde conseguia uma portabilidade imensa, ter características de ISO onde podia filmar em condições com pouca luz.

Para a captação de som ambiente e conversas de grupo usei o Zoom H5, tendo tido o cuidado de mantê-lo sempre escondido para que não entrasse em plano. O som das entrevistas foi gravado recorrendo a microfones de lapela.

Houve, naturalmente, uma preocupação em evitar erros no processo de articulação de toda as funções que tive de assumir, e a direcção de fotografia, por exemplo, não foi excepção. Optei por gravar em horas do dia que me permitiram usufruir de condições de luz natural como um recurso precioso para o tipo de imagem que eu pretendia obter. Exemplo disso e dos conteúdos abordados, que referi no parágrafo anterior, são as imagens da pequena selecção que se segue:



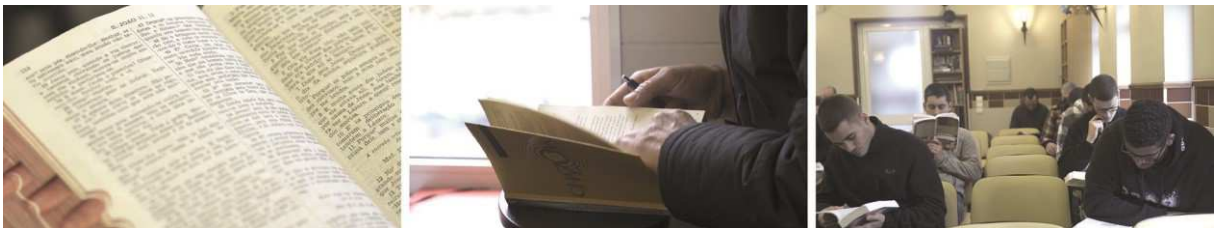
Aspecto exterior de um dos espaços que servem de apoio ao centro



Vista aérea sobre as instalações do Desafio Jovem, em Cucujães, e aspecto exterior



Momentos de oração e cânticos (culto)



Momentos dedicados à leitura (textos sagrados e publicações do Desafio Jovem)

Efetuar várias entrevistas e recorri a uma nova etapa de tentativas. Criar mais ligação com eles, não individualizar, mas tornar a historia deles numa.

4.3. Pós-Produção

Desde a primeira vez que entrei no centro até ao último export do documentário, eu não sabia qual iria ser o resultado final. Tinha pensado editar e contar uma história, mas acabei por contar várias histórias e de uma forma muito mais natural e real.

4.3.1. Opções editoriais

O trabalho de pós-produção ficou para os meses de Maio e Junho.

Começou, obviamente, com a análise de todo o material recolhido, a nível de imagens e sons, e com a anotação das primeiras impressões e notas resultantes dessa análise.

Procedi depois a uma selecção do melhor conteúdo. Recortei entrevistas e dividi a informação por timelines e temas. Cada timeline tinha uma personagem e tudo sobre ela. Dividi também em actividades (culto, cozinha, mercado, etc.) e, no final, juntei todas para criar uma narrativa, ainda que não acabada/fechada.

As entrevistas foram organizadas por temas e editadas de forma individual mas que na montagem final, formaram uma história em comum e ambas se complementavam. Procurei que cada personagem tivesse um contributo único e diferente dos outros na narrativa. O conjunto de todos os testemunhos, deveria por um lado ilustrar parte do sofrimento destas atitudes destrutivas, por outro transmitir uma mensagem positiva de auto-superação e de esperança.

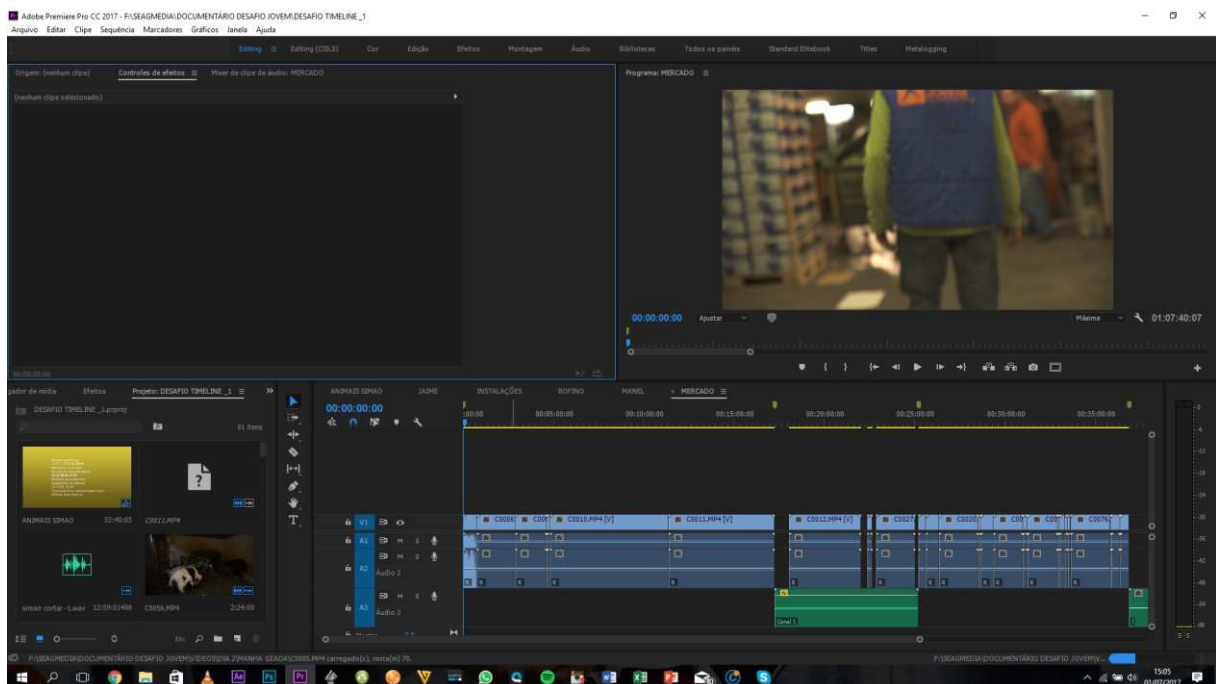


Imagem 13 – Timeline onde vemos várias sequências para cada personagem, atividade

Esta divisão por sequências foi um processo demorado, onde recortei o melhor de cada personagem e montei a história deles de forma isolada, mas no final vi que foi tempo ganho e ajudou-me a criar a narrativa de forma mais rápida e precisa.

Como o tema passou a ser sobre as pessoas, o meu orientador deu a ideia de usar o maior

número de entrevistas, fazendo assim um apanhado a todas as histórias de vida. Nas imagens referidas ainda no capítulo de produção, vemos todos os utentes que se disponibilizaram para responder às minhas questões e no conjunto de todos os depoimentos, afirmo que se complementam uns aos outros.

Seguiu-se o trabalho de montagem e sonoplastia, tendo em conta os objectivos e intenções estabelecidos, e que já referi, ao nível das opções estéticas.

Entendi que a melhor forma de captar a atenção do espectador passava por iniciar com uma voz off num texto que é bastante forte e que até vermos o desenrolar do documentário não conseguiremos atribuir a ninguém e para dar ainda mais destaque, colocar em fundo preto como exemplifico na imagem em baixo. O fundo preto simboliza um pouco a escuridão oriunda das suas vidas durante os tempos de vícios e de problemas.

Por outro lado, também quis dar a conhecer os espaços por onde estas pessoas andam diariamente, e preocupei-me ainda em dar uma atenção especial aos momentos de oração, tão estreitamente relacionados não só com o carácter do centro como com a compreensão da componente mais teórica deste trabalho

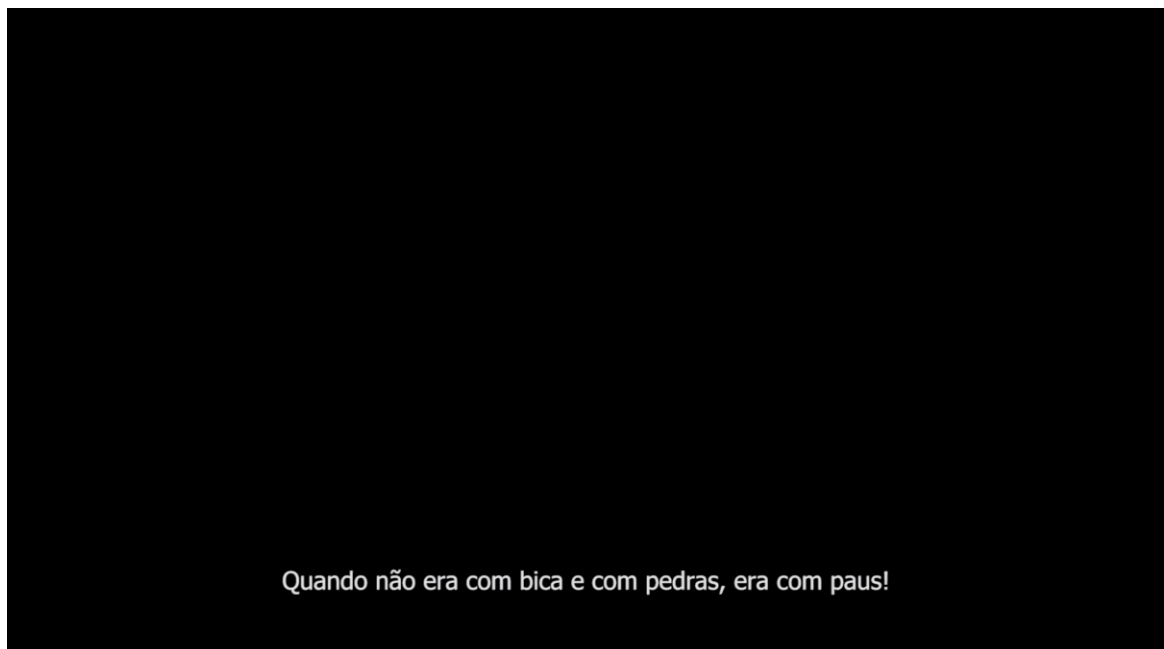


Imagem 13 – Som inicial (voz de Jaime)



Imagem 14 – Rio que passa nas instalações do centro

O significado de natureza está automaticamente interligado a um espaço de lazer onde podemos sentir na perfeição a criação divina. Não era por acaso que a capela era exatamente ao lado do rio, onde ouvíamos o correr da água durante as meditações em grupo. Significa também o contraste entre o passado de problemas para uma vida nova simbolizadas pela natureza. Daí dessa relação emergem as personagens e as suas histórias de vida. Por este motivo também as personagens encontram-se intercaladas e organizadas por imagens da natureza e por um conjunto de atividades que também se desenvolvem numa envolvimento natural.



Imagem 15 – Tratamento dos animais

Eram diversas as atividades mas a que implicava mais cuidado e tempo era o tratamentos dos animais. Desde o amanhecer até ao cair da noite os animais eram tratados de forma muito cuidadosa. Com dezenas de porcos e cabras o bom funcionamento nessa atividade era crucial para a alimentação e existência do centro. Mensalmente eram vendidos animais a pessoas vizinhas e comerciantes e também para consumo interno. Com esse dinheiro era possível ajudar nas despesas do centro tendo em conta a sua dimensão.

Nem todos poderiam estar nesta mesma atividade e somente os que tinham mais

tempo de programa e demonstravam maior responsabilidade, o podiam fazer.

4.3.2. Montagem em linha com uma perspectiva holística da Pessoa

O trabalho de pós-produção, resumidamente, coloca em evidência uma selecção de entrevistas/testemunhos de personagens reais que falam sobre as suas histórias de vida entre reflexões presentes e vivências passadas; revela um pouco da execução de tarefas inseridas nas rotinas diárias do centro (preparação de refeições, cuidado dos animais, ida ao mercado, etc.) que ajudam à construção do sentimento de pertença/unidade por via da assunção de uma postura de auto-reponsabilização, humildade e co-participação útil na construção de algo que se prevê que seja edificante e gratificante; mostra os espaços interiores e exteriores nos quais se desenrola a actividade destas pessoas (palcos para o estabelecimento e/ou estreitamento de laços/relações, para o reajustamento e para o auto-conhecimento), não deixando de dar destaque aos momentos de oração - integração dos valores religiosos seguidos pela Instituição na busca de um sentido para a vida em identificação com o Transcendente - tanto nos momentos de pausa entre actividades (nos espaços onde estas decorrem), como nos locais dedicados ao culto e às leituras sagradas.

Procurei desenvolver um trabalho de edição que não desaproveitasse a riqueza e diversidade da informação que obtive e que nos revela um pequeno conjunto de pessoas que no seu todo individual são densas, complexas, e capazes de, com um apoio psicológico adequado à especificidade de cada caso, e com o seu próprio empenho e determinação, mudar o que estava errado nas suas condutas e auto-organizarem-se.

4.3.3. Estratégia

Não querendo alterar a realidade do que se passava no centro, mantive uma edição sempre uniforme e com uma cadência sempre constante. Como separador de entrevistas o uso

de cortes rápidos e interligados a atividades foi crucial para conseguir mudar de personagem sem ter de concluir a história de cada uma delas.



Exemplo de plano de corte. Apenas o movimento em forma de loop ao cortar os alimentos, foi suficiente para percebermos que iria haver uma mudança de personagem ou então de local.

Nas imagens seguintes vemos fotogramas que representam ainda melhor o tipo de cortes usados na montagem. Todos eles interligados ou às atividades e por si só, ao espaço natural que existia ao redor do centro.



Já com a estrutura bem pensada decidi elaborar um esquema que servia de apoio na fase de montagem, onde com a ajuda do meu orientador, encontrei qual a melhor estrutura a seguir.

NATUREZA/ESPAÇO -> ENTREVISTA -> PLANO CORTE -> ENTREVISTA ->
ATIVIDADES -> PLANO DE CORTE -> ENTREVISTA -> ATIVIDADES ->
ENTREVISTA FINAL

Este esquema foi a base para o desenrolar do meu documentário. Obviamente que não exemplifica a narrativa de início ao fim mas resume a estrutura do documentário.

Com duração de 23 minutos, o documentário poderia cair numa edição rotinada e que se tornaria cansativa e repetitiva, mas com o uso de planos de corte e inserts ao longo das entrevistas, o ritmo de montagem ia sendo cada vez mais natural e eficaz. Sabemos que não é propriamente um tema onde seja fácil perdemos a vontade e a atenção, pois as histórias relatam realmente o que a grande maioria nunca passou na vida.

Quando vemos o documentário percebemos que existe uma forte ligação a Deus e vai crescendo ao longo do documentário. Decidi criar esse crescendo, onde comecei com apresentação do espaço e personagens e escolhi um final, que exemplifica realmente qual o propósito do Desafio Jovem na sociedade.

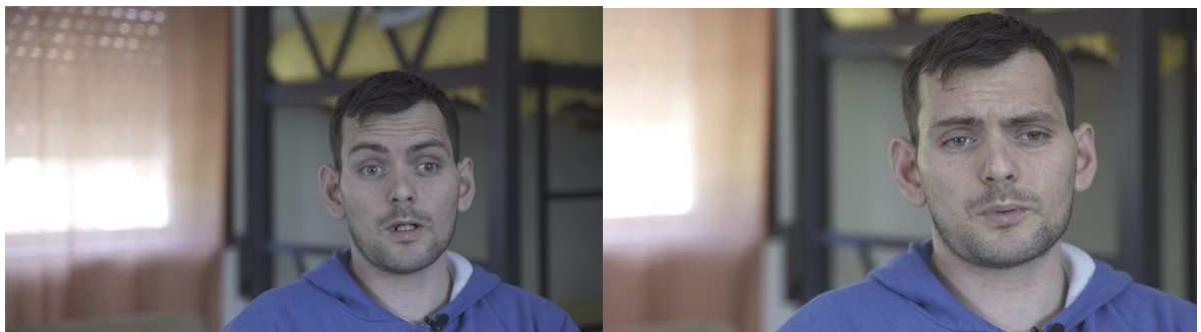
A personagem em baixo, chamada Flávio foi a única que foi de encontro ao meu ponto de vista em relação às drogas e todo o tipo de vícios. O problema não são as drogas, mas sim o que fazemos com elas e o uso excessivo. Parte de cada um perceber onde tem de parar, sendo sempre melhor nunca cair na tentação de experimentar.



Entrevista a Flávio Miguel

Como conclusão usei a entrevista do Flávio juntamente com um momento de louvor e adoração na capela do centro. Sempre com planos de insert nas entrevistas, mas neste usei uma técnica de montagem diferente.

Os planos transmitem uma força inerente ao enquadramento que é feito e como vemos nos fotogramas em baixo, nesta entrevista passamos de plano geral até a um plano fechado.





Sempre que fechava mais o plano, automaticamente o espetador fixava no que Flávio dizia e era como se entrássemos na própria vida dele e sentíssemos um pouco do que ele sofreu, tendo assim mais intimidade.

O mesmo acontece com os planos de insert colocados ao longo da entrevista de Flávio. Escolhi planos da natureza que percorrem o mesmo sentido de enquadramento e que simbolizam o poder da natureza criada por Deus e o quão essencial é na vida do ser humano.



Com um plano geral do rio até a um close up da água, íamos então percebendo a história de Flávio que resumia muito o porquê de cada utente precisar de ajuda.

Já depois desta entrevista seguiu-se a conclusão com o culto na capela. Usei o diretor do centro Desafio Jovem, para complementar apenas com uma frase que ele afirma: “... a razão pela qual o Desafio Jovem existe é precisamente por causa disso, para alcançar gente que está com a vida caótica e destruída e queremos trazer a esperança de Deus...”



Desta maneira, o documentário começa com o fundo a preto e pouco a pouco vai introduzindo a natureza intercalada com as histórias dramáticas das personagens. Ao mesmo tempo a natureza e as atividades, vão separando as histórias de cada personagem, como se amenizassem o processo de recuperação.

É introduzido o elemento espiritual e religioso do centro, que representa uma base fundamental na estratégia terapêutica. Esta base base espiritual, culmina na fase final da narrativa, onde os utentes aparecem a ler, orar, meditar e sobretudo quando Flávio, pede ajuda a Deus para abençoar a sua própria vida. Desta maneira o documentário começa com um sofrimento e termina com uma luz de esperança.

5. Conclusão

Erros para mim tornaram-se oportunidades de sermos melhores seres humanos. Chorar dizem que não é para homens mas eu admito que foi raro o dia que não chorei, desde o primeiro dia onde fui visitar o meu irmão até ao ver o documentário no auditório da Univesidade, juntamente com o meu irmão, colegas de turma e orientador.

Não foi o projeto dos meus sonhos mas sem dúvida que foi um sonho tornado realidade. Um mestrado atribulado de situações complicadas mas um mestrado com um relatório final sentido, onde deposito a minha maneira formal de falar e também a maneira como tão facilmente a perco em momentos de sensibilidade.

Quando optei por abordar um tema enquadrado no âmbito das ciências humanas e sociais, em detrimento de fazer um vídeo meramente institucional que apenas narrasse a história de uma Instituição, estabeleci também para mim como principal desafio e objectivo fazer uma abordagem positiva, centrada na capacidade da Pessoa de vencer obstáculos, de se superar nas horas de maior dificuldade e de se transformar em algo melhor. Procurava uma mensagem de esperança no tratamento, na entreatajuda e no espírito de compreensão e solidariedade. Ao mesmo tempo, como revelei logo no início deste relatório, também era meu objectivo ter testemunhos vivos e reais destas histórias difíceis, marcadas por problemas de todo o tipo, e que nesses testemunhos fosse mais importante a verdade do que a vergonha.

Não filmei um antes e um depois, apenas um durante, com o foco naquelas pessoas a viverem ali naquele momento. Esta é por isso uma história inacabada/aberta, mas estou convicto de que estes objectivos foram, na medida do possível e tendo em conta a limitação temporal para a realização deste projecto, cumpridos.

Retomando, em jeito de conclusão e a este propósito, o estudo comparativo, levado a cabo por M. O. Nunes, entre o momento da entrada para o centro e o momento da saída, com vista a apurar o tipo de repercussão e o efeito que este tipo de reabilitação teve sobre a dinâmica pessoal dos indivíduos incluídos na sua amostra, a autora revelou que à saída eles não só

provaram atribuir maior importância como hierarquizaram os valores da ideologia carismática; conseguiram melhorar as suas capacidades de auto-crítica/avaliação; conseguiram uma alteração positiva na percepção que têm de si próprios - autoconceito - e um aumento quer da autoestima, quer da responsabilização pelos próprios actos. Por fim, e não menos importante, Nunes verificou ainda que estes indivíduos estavam, aquando da saída, mais determinados e envolvidos na construção de um projecto existencial. Ora, estes resultados parecem-me coerentes com a experiência que tive durante o tempo que passei no Desafio Jovem para desenvolver este projecto, sobretudo porque muitos destes resultados associados à fase da saída, eu pude verificar estarem já em curso na vida das pessoas que integram este documentário. No entanto, Nunes salienta que, mesmo tendo-se obtido estes resultados, não é possível afirmar com rigor qual a qualidade ou o tipo de mudança efectiva ocorrida nos indivíduos, ou mesmo o efeito real da influência dos valores e dos ideais na reorganização do *self*. Apesar de a mudança (reestruturação) se mostrar aparentemente positiva em relação aos objectivos traçados inicialmente e que, em traços gerais, se resumem ao abandono do consumo de drogas, a abstinência do consumo "surge de uma mudança efectuada na pessoa em resultado de uma pseudo adesão a valores que imagina serem os apreciados pelos líderes da comunidade ou, então, [...] pela integração de novos valores, nomeadamente através de uma idealização na relação com Deus." (Nunes, 1997:70). Daqui decorre que estes resultados poderão eventualmente vir acompanhados de uma diminuição da autonomia pessoal e da auto-determinação, mas encontrar essa resposta implicaria um estudo mais abrangente que não foi contemplado pela autora e tão pouco faz sentido aqui para o tipo de projecto que me propus.

Apesar de estar consciente de que a não existência de uma equipa técnica me penalizou um pouco em alguns aspectos, designadamente ao nível da captação de som, julgo que o resultado final, no seu todo, acabou por não sair assim tão prejudicado por isso, e acredito que valeu a pena ter assumido o risco na opção por esta metodologia, sobretudo tendo em conta alguns dos momentos que consegui captar em vídeo sem condicionar a fluidez, a naturalidade e a intensidade do que aconteceu diante dos meus olhos, como por exemplo no momento em que um dos utentes, durante uma oração comovida e partilhada, pede a Deus por si e pelos seus "irmãos" de reabilitação, transportando para a cena um dimensão de fraternidade que ajuda à

compreensão do conceito de comunidade aplicado aqui e desenvolvido no capítulo 2.

O facto de ter tido a necessidade de acumular todas as funções que uma produção deste tipo normalmente envolve obrigou-me a repensar a importância de cada papel e do seu contributo para um resultado sólido e coerente. Ter o controlo de todo o processo tem algumas vantagens, como por exemplo a poupança de tempo em reuniões de coordenação, etc., mas também acarreta desvantagens, sendo que uma das possíveis se poderá fazer notar pela falta de um debate, uma diversidade de opiniões e contributos. Todavia, com as imagens já feitas a primeira impressão que tive foi bastante positiva.

Posso afirmar que este não foi um trabalho fácil, não porque levantasse grandes dificuldades ou exigências técnicas, mas porque o distanciamento necessário torna-se mais difícil de conter quando se lida com histórias e percursos de vida tão marcados pela dor e pelo sofrimento. Ao mesmo tempo que tive de gerir todos os recursos inerentes a cada uma das funções que assumi cumprir sozinho, tive também de controlar e gerir as minhas próprias emoções ao longo de todo o processo.

O principal constrangimento que encontrei no decurso da produção foi, em boa verdade, o principal motivo para eu ter aqui chegado, não só porque me conduziu à escolha da Instituição Desafio Jovem como mote para o meu trabalho, como depois contribuiu para a recondução dessa mesma escolha para o tema da Pessoa do utente em reabilitação numa comunidade terapêutica carismática. Como referi no início deste trabalho tudo começou com uma visita a um utente em internamento. Esse utente era o meu irmão, e o facto de ele estar inserido na comunidade que me propus estudar levantou-me alguns desafios, sobretudo nos primeiros tempos. Quer queiramos ou não, o laço familiar existe sempre, mas a solução que encontrei para superar essa dificuldade e escolher o caminho certo para levar o meu documentário a bom termo foi tentar abstrair-me o mais possível deste aspecto familiar e tratar todos os utentes da mesma forma, com proximidade e empatia. Curiosamente, apesar de ter conseguido, com essa mesma proximidade e empatia, obter a confiança das pessoas que envolvi no meu trabalho, observei que quando ligava a câmara uma parte dessa confiança e espontaneidade se perdia, fazendo com que nem sempre eu conseguisse extrair a informação da forma que pretendia.

Penso que levo deste projecto muitos momentos de verdadeira aprendizagem e experimentação prática que colmatam a formação adquirida com o curso, mas também uma visão do mundo um pouco mais madura e consciente. Esta produção acabou por traduzir-se numa grande lição sobre amizade e fraternidade, sobre a união e a partilha como forças para a superação dos obstáculos que a vida nos vai colocando.

Com 22 anos e depois de saber o sabor da droga, o sabor do desgosto, o sabor de uma lágrima, consigo saborear ainda melhor o sabor de um sorriso, de um abraço, de um olá, de um Deus, da fé, da família, dos estudos, da Vida.

Se leste este relatório até ao fim é porque também tens problemas e de certa forma relacionas-te a tua vida com este tema. Todos erramos pois somos seres humanos e apenas Deus é perfeito e capaz de te amparar nas quedas com alturas impossíveis, nas lutas mais injustas e na vida onde todos desistem.

EU VIVO NESTE MUNDO MAS NÃO PERTENÇO A ESTE MUNDO.

6. Bibliografia e outras referências

Batty, David & Campbell, Ethan (2008). *Teen Challenge: 50 years of miracles*. USA. Teen Challenge USA

Desafio Jovem (DJ) (n. d.). Acedido Maio, 2017, em <http://www.desafiojovem.com/>

Jesus, Raquel de & Carvalho, Ester (2014). *O salário de uma vida*. Lisboa. Edições Novas de Alegria

Marques, Leonor (2006). *Saída impossível: o testemunho de Victor e Elisa Veloso depois de 13 anos de toxicoddependência*. Loures. Encontro Editora

Martins, João (coord.) (2003). *Eles Venceram: histórias reais de ex-toxicoddependentes*. Loures, Encontro Editora

Monteiro, Carlos Décio (2009). *Diamante bruto*. Loures. Encontro Editora

Nunes, M. O. (1997). *Valores e reorganização do Self: estudo exploratório realizado numa comunidade terapêutica carismática de toxicoddependentes*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Portugal

Organização Mundial de Saúde (OMS) (n. d.). Acedido Maio, 2017, em <http://www.who.int/>

Torres, Vitor & Wilkerson, Don (2001). *Filho da rua maldita*. Loures. Encontro Editora

Wilkerson, Rev. David, Sherrill, John & Sherill, Elizabeth (1977). *A Cruz e o punhal*. Belo Horizonte (Venda Nova) - MG: Editora Betânia

